

UMA DISCUSSÃO SOBRE O PARQUE AQUÁTICO 3J EM ARAGUAÍNA-TO, E SUA RELAÇÃO COM A QUALIDADE DE VIDA URBANA

Reges Sodré da Luz Silva Dias
Graduado em Geografia pela UFT – Campus de Araguaína
Aires José Pereira
Prof. Adjunto do curso de Geografia na UFT – Campus de Araguaína
airesuft@gmail.com.

Resumo: O presente trabalho teve por objetivo analisar o lazer em Araguaína relacionado aos “banhos”. Buscou-se verificar a infraestrutura de tais banhos e estabelecer uma correlação com as atuais mudanças culturais em curso nas diversas escalas geográficas. A manifestação espacial destas novas formas de lazer é advinda de profundas mudanças sociais nos recentes séculos. Em Araguaína, cada vez mais há demanda por lazer ambiental, à medida que se trata de uma cidade caótica, que não oferece qualidade de vida aos seus moradores. Deste modo, analisamos os principais problemas ambientais da cidade e finalmente estudamos o Park Aquático 3J, um dos recentes espaços criados para preencher as lacunas na página do lazer em Araguaína. O Parque Aquático 3J é um lugar de fácil acesso e oferece um agradável ambiente natural.

Palavras-Chaves: Qualidade Ambiental. Park Aquático 3J. Opções de Lazer. Araguaína, TO.

A DISCUSSION ABOUT THE WATER PARK 3J ARAGUAÍNA-TO, AND ITS RELATIONSHIP WITH THE QUALITY OF URBAN LIFE

Summary: The present study aimed to analyze the leisure in Araguaína related to “baths”. Sought to verify the infrastructure of such baths and establish a correlation with the current cultural changes underway in the various geographical scales. The spatial manifestation of these new forms of leisure is of profound social changes arising in recent centuries. Araguaína, increasingly there is demand for leisure environment, as it comes to a chaotic city, which does not provide quality of life for its residents. In this way, we analyze the main environmental problems of the city and finally studied the Park, one of the recent 3J Aquatic spaces created to fill gaps in the page of leisure in Araguaína. 3J water park is a place of easy access and offers a pleasant natural environment.

Keywords: Environmental Quality. Aquatic Park 3J. Leisure options. Araguaína, TO.

Introdução

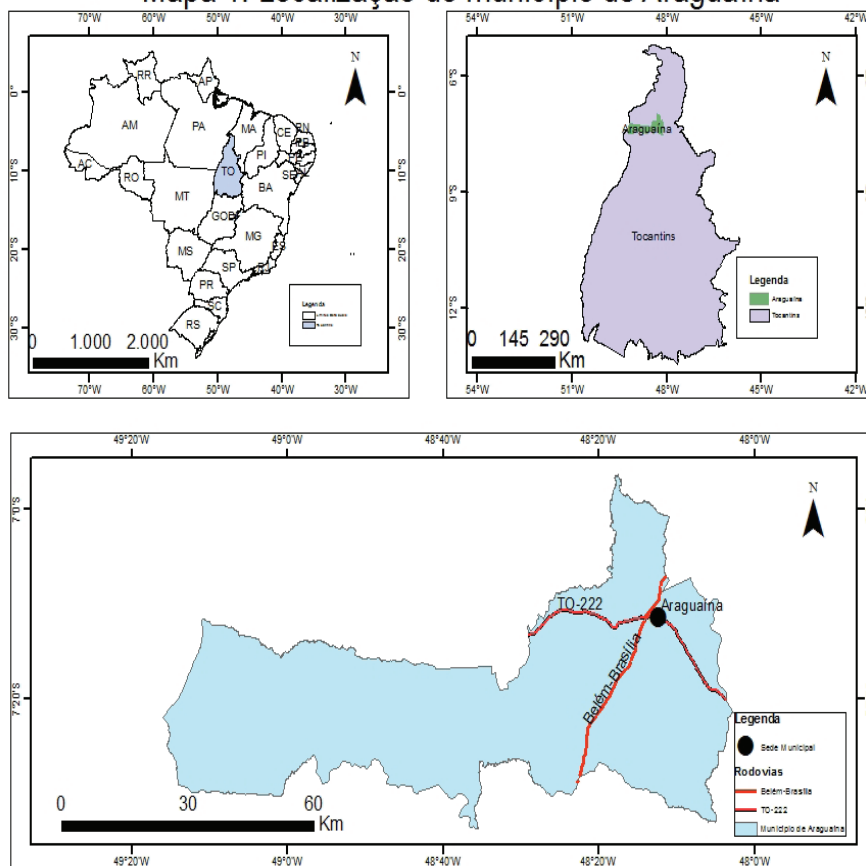
As modificações que o homem tem feito no espaço geográfico nas últimas décadas vêm causando-o sérios problemas. O que nos leva a questionar as causas e, mais que isso, se dentro do atual contexto essas modificações podem se direcionar para outros caminhos, pautados na solidariedade e numa relação sustentável com a natureza.

Podemos afirmar que o espaço terrestre em sua totalidade vive problemas relacionados ao meio ambiente. Havendo de um lado, um processo de globalização da econômica e da política, e de outro, porém como face do primeiro, a globalização da natureza, em sentido artificializado.

Diante disso, se torna profícuo discutir em diversas escalas, desde a local até a global a questão ambiental. Neste esforço, não podemos nos esquecer da noção de totalidade, tão cara ao pensamento filosófico. Deste modo, no

presente trabalho buscou-se entender uma questão específica na cidade de Araguaína, porém, admitimos que a temática aqui proposta seja tributária de um contexto regional, nacional, e internacional, qual seja, a busca por ambientes naturais, como forma de lazer, de pessoas que vivem no/em espaço(s) urbano(s) dotados de sérios problemas ambientais. As manifestações são específicas, mas o processo é o mesmo.

Mapa 1: Localização do município de Araguaína



Fonte: Base cartográfica, SEPLAN, 2012. Digitalização. DIAS, Reges Sodré da Luz Silva.

A cidade de Araguaína está localizada no Norte do Estado do Tocantins (ver mapa 1), entre as coordenadas geográficas com latitude $07^{\circ}11'28''$ sul e uma longitude $48^{\circ}12'26''$ oeste. Sua população segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012) é de 156. 123 mil pessoas.

Ela é a segunda principal cidade do Estado tendo sua economia baseada no comércio e serviço. Dentro da classificação geográfica ela é uma cidade média, sobretudo, pela sua função econômica, e não necessariamente como referência de qualidade de vida, como poderá se ver ao longo do trabalho.

A metodologia para o desenvolvimento do trabalho foi a seguinte; primeiro, se fez uma leitura a fim de nos respaldarmos no âmbito epistemológico e teórico a respeito da temática proposta. Neste sentido, uma leitura em Porto-Gonçalves (2004/2011), Becker (2007) e Pereira (2013) foram um norte no trabalho. O segundo passo, foi à delimitação dos “banhos”, a serem estudados. Assim, escolhemos por critérios de tempo e viabilidade econômica o Park

Aquático 3j. Neste realizamos entrevistas, previamente elaboradas, com os usuários e proprietário(s). Por último, sistematizamos os dados coletados no presente texto.

Os novos lazeres e a revalorização da natureza

O conceito de lazer é amplo, e não nos parece frutífero uma discussão a seu respeito dentro da presente abordagem, nos contentaremos com a definição apresentada a seguir:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode se dedicar prazerosamente, seja para relaxar, divertir-se ou para alargar seu conhecimento e sua participação social espontânea, o livre exercício de sua capacidade criativa, após ter-se desembaraçado de suas obrigações de trabalho, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1962, p. 29 apud TASCHNER, 2000, p. 39).

Deste modo, entendemos o lazer relacionado à natureza como uma atividade que o (s) indivíduo (s) realizam, tendo ela (natureza) como fonte de prazer, relaxamento, divertimento, e socialização, de forma sustentável e equilibrada. Este tipo de lazer se inscreve numa revalorização da natureza, como expressão das recentes mudanças espaciais. A necessidade deste tipo de lazer se dará de forma exponencial, sobremaneira, em espaços urbanos. Vejamos um pouco

de como se construiu estas mudanças espaciais.

Para Carlos (1991), ao longo de todo o processo civilizatório, o homem se produz enquanto ser humano e social a partir de dois tipos de relação: com a natureza de um lado e, com os homens de outro.

No entender de Santos (2008) as relações que vão diferenciar e, ao mesmo tempo mediar homem-homem e estes e a natureza, são as técnicas. Assim, houve um meio natural, ou seja, aquele momento da história na qual o “homem escolhia da natureza aquilo que era fundamental ao exercício da vida e valorizava diferentemente essas condições naturais, as quais, sem grande modificação, constituíam base material da existência do grupo” (p. 121).

No “fim do século XVIII e, sobretudo, o século XIX veem a mecanização do território; o território se mecaniza. Podemos dizer que esse momento é o momento da criação do meio técnico, que substitui o meio natural” (SANTOS, 2008, p. 121). É nesta conjuntura que o meio natural é transformado de modo radical e, as consequências dessa metamorfose para a qualidade de vida humana ainda não foram bem delineadas.

Nenhuma sociedade humana teve com a técnica a relação que a sociedade europeia estabeleceu para si própria e depois expandiu-se mundo afora ao longo do século XIX. Que qualquer sociedade use técnicas é uma verdade banal. Todavia, o aparato técnico da chamada sociedade industrial é outro, a ponto de ele ser visto como condição por excelência do desenvolvimento dos povos a partir de então. A “razão técnica” ganha uma dimensão inimaginável, daí a exaltação da ciência e da técnica [...]. A “razão técnica” está preocupada com o agir-com-vistas-a-um-fim-imediato, com a eficácia. Está ligada a intervenção do homem na natureza, aos processos de trabalho. Todavia, este é um campo da ação humana que é constituído também pela relação dos homens entre si, mediatizada por relações simbólicas, intersubjetivas. São relações complexas de duas ordens diferentes, porém imbricadas: relação sujeito-objeto, no que diz respeito à relação do homem com a natureza e sujeito-sujeito, no que diz respeito aos homens [...]. Como vivemos numa sociedade marcada pelo produtivismo, a “razão técnica” tornou-se a única razão (PORTO-GONÇALVES, 2008, p. 118).

O pensamento de Santos e Porto-Gonçalves caminha na mesma direção. Assim, podemos perceber que em nome da técnica, ou melhor, de uma forma de fazer, produzir e reproduzir o espaço, a natureza foi sendo explorada de forma arbitrária, não sustentável, em favor dos reclames do homem em uma visão dicotômica, em que se presumiu que este não dependia daquela.

Esta forma de se relacionar entre os homens e destes com o meio natural foi na realidade uma escolha política e cultural do homem, como dissera Milton Santos, pois, nunca na história da humanidade houvera tão grandes condições técnicas para construir o mundo da dignidade humana, porém essas condições técnicas foram simplesmente expropriadas por um punhado de atores que construíram/constrói o mundo da perversidade humana. Essa perversidade é expressa na relação homem-objeto e homem-homem, reduzindo a qualidade de vida no planeta terra.

Dizer que a problemática ambiental é, sobretudo, uma questão de ordem ética, filosófica e política é desviar de um caminho fácil que nos tem sido oferecido: o de que devemos nos debruçar sobre soluções práticas, técnicas, para resolver os graves problemas de poluição, desmatamento, erosão (...). Existe uma crença acrítica de que sempre há uma solução técnica para tudo. Com isso ignoramos que o sistema técnico inventado por qualquer sociedade traz embutido em si a sociedade que o criou, com as suas contradições próprias traduzidas nesse campo específico. Essa crença ingênua no papel redentor da técnica é uma invenção muito recente na história da humanidade – da Revolução Industrial para cá – e faz parte do ideário filosófico do Iluminismo. Esses últimos duzentos anos culminam, hoje, com a necessidade de se repensar a relação humanidade com o planeta (PORTO-GONÇALVES, 2004, p. 18).

Deste modo, toda poluição e o esgotamento dos recursos naturais vem por em discussão o modelo político-cultural que está estabelecido. É no bojo desta realidade que surge o movimento ecológico com as lutas pela preservação da natureza e equidade social. Se no início da história humana houve a intensa necessidade de lutar contra os imperativos da natureza, agora “já não é mais

contra” ela “que devemos lutar [...] mas, sim, contra os efeitos da própria intervenção que o próprio sistema técnico provoca” (PORTO-GONÇALVES, 2004, p. 18).

Estamos, sim, diante de uma mudança de escala na crise atual de escassez (por poluição) do ar, de escassez (por poluição) de água, de escassez (limites) que demandam um tempo, no mínimo, geomorfológico, para não dizer geológico, para se formarem, enfim, elementos (ar, água, fogo, terra) que estavam dados e de que a cultura ocidental e ocidentalizada acredita poder prescindir. O efeito estufa, o buraco na camada de ozônio, a mudança climática global, o lixo tóxico, para não falar do lixo nosso de cada dia, são os indícios mais fortes desses limites interpostos à escala global (PORTO-GONÇALVES 2004, p. 32).

É a partir de toda essa complexidade histórica que se dá a revalorização da natureza de que havíamos alhures feito referência. Portanto, os espaços que atualmente ainda logram de sua constituição natural são grandemente valorizados. Três grandes eldorados podem ser reconhecidos contemporaneamente: os fundos oceânicos ainda não regulamentados, a Antártida, partilhada entre as potências, e a Amazônia, único a pertencer, em sua maior parte, a um só Estado Nacional (BEKCER, 2007).

Então, o Brasil, é um país privilegiado por ter grandes belezas e recursos naturais em seu território, numa época de crise ambiental, e de cepticismo quanto ao rumo dos atuais padrões de desenvolvimento da humanidade.

Os números comprovam a premissa, pois, o período de 1970 a 2011 apresenta um grande aumento da atividade turística por número de visitantes no Brasil no primeiro dos anos citados, o número registrado foi de 249. 900, já em 2011, esse número passou para 5.433.354. Do total de turistas em 2011 que procuraram o país 46% foram à procura de lazer, destes 87, 1% está relacionado ao lazer natural (BRASIL, 2011).

Diante desta questão surge o modelo de desenvolvimento sustentável, baseado no uso racional dos recursos naturais. O governo brasileiro felizmente

tem elaborado diversos programas para o uso racional dos recursos naturais, especialmente na Amazônia, entre os quais podemos destacar:

- a) O Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras (PP-G7), que negociado em Genebra em 1991 e formalmente lançado em 1993, passou a ser operacionalizado em 1994 (p. 36).
- b) O sistema SIPAM/SIVAM – proteção e vigilância da Amazônia – um gigantesco projeto do governo brasileiro para controle da Amazônia, baseado em tecnologia moderna, inspirado em uma estratégia de defesa contra a intervenção territorial externa em nome da droga e do meio ambiente (p. 37).
- c) Dois outros grandes projetos focalizam diretamente a biodiversidade e o clima. O PROBEM – Programa Brasileiro de Ecologia Molecular da Biodiversidade Amazônica é um programa multi-institucional brasileiro que conta com o apoio de uma rede de laboratórios nacionais e internacionais, do setor privado internacional e dos vários níveis do governo brasileiro (p. 38).
- d) Por sua vez, o LBA – Large Scale Biosphere Atmosphere Experimento on the Amazon, - é uma iniciativa internacional de pesquisa global liderada pelo Brasil que visa gerar novos conhecimentos necessários à compreensão do funcionamento climático, ecológico, bioquímico e hidrológico da Amazônia, do impacto das mudanças dos usos da terra nesse funcionamento, e das interações entre a Amazônia e o sistema biogeofísico global da Terra (BECKER, 2007, p. 38).

Diante da potencialidade dos recursos na Amazônia e mediante a intervenção do Estado podemos vislumbrar novos horizontes, em que caminhos de sustentabilidade possam ser viabilizados na prática. O uso dos rios e córregos como fonte de turismo e lazer, emerge, ainda que de forma subjacente a outros, como a biodiversidade, por exemplo, como uma possível potencialidade.

As cidades litorâneas, em especial do Nordeste, Sudeste e Sul já apresentam esta realidade consolidada, especialmente, em relação às praias. No Estado do Tocantins, elas também têm potencial já reconhecido, contudo, o governo Estadual tem ido à contramão do desenvolvimento sustentável, com a construção de hidrelétricas e consequentes destruições de muitas praias.

Uma análise das condições ambientais dos banhos em Araguaína

Este item objetiva discutir algumas questões importantes sobre a cidade de Araguaína e sua qualidade de vida ambiental, as quais nos darão algumas possíveis explicações para a necessidade da valorização e preservação dos “banhos”. Em relação às paisagens urbanas que são resultantes de uma intensa apropriação antrópica, a vertente ambiental surge como o grande desafio das modernas sociedades, visto que está diretamente relacionada com a qualidade de vida de suas populações (ROZABONI, 2008, apud, PEREIRA, 2013).

Pereira (2013) em um pormenorizado exame demonstra que a cidade de Araguaína não oferece qualidade de vida ambiental (ou, até mesmo, em sentido latosenso). O espaço urbano desta cidade apresenta sérios problemas ambientais, frutos de um modelo de desenvolvimento que já foi discutido anteriormente, e que agora podemos analisa-lo a partir do local. Entre os problemas ambientais que merecem destaque no presente escrito, por que ajudam na discussão dos “banhos”, está à poluição de córregos e a falta de arborização na cidade, e mesmo, as queimadas.

A Bacia Hidrográfica de Araguaína é formada pelo rio Araguaia, rio Lontra, Preto, córrego Lavapés, córrego Prata, córrego Neblina, córrego Raizal, ribeirão de Areia, córrego Xixabal, córrego Cará, córrego Jacubinha, córrego Tiúba e o córrego Jacuba (PEREIRA, 2013).

A respeito do uso dos recursos hídricos de Araguaína Pereira (2013) esclarece;

É evidente que, [...] estes córregos têm problemas sérios de poluição, principalmente os que nascem dentro do perímetro urbano de Araguaína. Quer dizer, a ocupação do espaço urbano de Araguaína se deu de forma muito desorganizada e praticamente todos os córregos [...] estejam ecologicamente mortos. Mesmo porque, em outras cidades onde o abastecimento de água geralmente é proveniente de seus mananciais, mesmo assim eles não preservam seus córregos, nascentes e rios. Imagine que a água que abastece a cidade de Araguaína é proveniente de poços artesianos profundos, ou seja, os córregos e rios são utilizados, [...] infelizmente, como depósitos de lixos e detritos (PEREIRA, 2013, p. 125).

Pudemos constatar ao longo da pesquisa em alguns trabalhos de campo que todos os córregos de Araguaína, de fato, estão poluídos e sem viabilidade de uso das águas para fins de consumo para lazer ou consumo doméstico (imagem 1). É flagrante o descaso das pessoas e também do poder público com os recursos hídricos da cidade.



Foto 1: Poluição do Córrego Neblina

Fonte: DIAS, Reges Sodré da Luz Silva. Pesquisa de campo realizada em 14/11/2013.

A respeito da arborização urbana que ajudaria, sobretudo, na melhoria da qualidade de vida ambiental, esta é majoritariamente inócua (ver imagem 2), como destaca Pereira (2013).

A arborização das ruas de Araguaína é muito escassa. As pessoas não se preocupam em ajudar a amenizar o clima que por sua natureza tropical já é bastante quente e com as construções urbanas aumenta ainda mais a sua temperatura. O poder público local também, até o momento, não tomou nenhuma posição oficial de arborização urbana capaz de “obrigar” por leis de incentivos fiscais seus municípios a arborizar a cidade a contento. Isto sem falar da lei federal 6766/79 que já é um instrumento legal desde 1979, mas praticamente sem uso nenhum em quase todo o território nacional e, em Araguaína-TO, não é diferente (PEREIRA, 2013, p. 246).

O exemplo do bairro residencial Jardim das Flores é profícuo para esclarecer como se comporta a população de Araguaína. Tal bairro foi entregue com duas árvores na frente de cada casa, entretanto, uma maioria “esmagadora da população ali residente quando vai ampliar suas casas, a primeira atitude é cortar as respectivas árvores e o poder público nada faz contra isto” (PEREIRA, 2013, p. 251).

Confirmando a assertiva de Pereira (2013) em uma rua deste bairro denominada: Rua dos Hibiscos, em um de seus quarteirões, onde se tinham 64 árvores plantadas nas frentes de suas respectivas casas, hoje (final de 2014) só temos apenas 07. Significa que os proprietários simplesmente cortaram 57 árvores e o poder público não tomou nem uma posição no sentido de punir tais infratores.

Em algumas cidades brasileiras essa atitude tomada por partes destes moradores com certeza geraria multas altíssimas. Além das multas seus moradores teriam que fazer novos plantios de árvores em reposição às que cortaram e ainda plantar outras em áreas degradadas. Portanto, essa cultura de não arborizar as ruas da cidade e, ainda cortar algumas árvores que estão desempenhando este papel, tem muito a ver com a política ou falta de política urbana preocupada ou não com a qualidade de vida ambiental e da própria população.

Todos esses fatores coadunam para uma menor qualidade de vida ambiental na cidade de Araguaína. É no bojo de uma nova revalorização da natureza, ou diríamos de uma nova forma de mercantilizar a natureza, fruto da degradação ambiental em todo o mundo, expresso na expansão do espaço urbano, que os banhos surgem como uma opção real de amenidade destes mesmos efeitos. A cidade em discussão se insere de modo contundente nessa nova lógica de uso do território.



Foto 2: Rua sem arborização em Araguaína

Fonte: DIAS, Reges Sodré da Luz Silva. Pesquisa de campo realizada em 14/11/2013.

Como destacado anteriormente a cidade possui elevada temperatura, como indica o gráfico 01. Como podemos observar a temperatura gira em torno 25° a 30°C com umidade relativa do ar em torno de 45% a 80%.

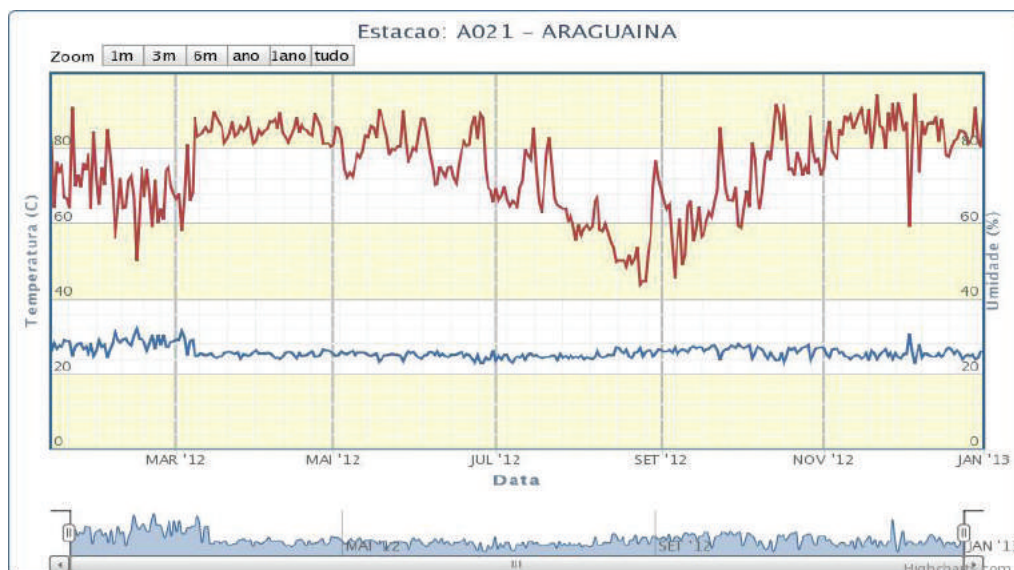


Gráfico 1: Média de temperatura e umidade do ar em Araguaína de março de 2012 a janeiro de 2013.

Fonte: INMET, 2012-2013. Org. Reges Sodré

Os novos usos do território ligado a esses novos lazeres e tipos de consumo que alhures, ressaltamos, vem se consolidando e expandindo só recentemente em Araguaína. É importante ressaltar que a partir de 1990 há uma diversificação de novos tipos de consumo em Araguaína, sobretudo, consumos imateriais. É o que veremos agora.

Os “banhos” em Araguaína como uma forma de lazer

A cultura dos banhos já existe há muito tempo em Araguaína, como verificamos em trabalhos de campo, no balneário véu de noiva e jacuba, no entanto, somente recentemente que estes vêm melhores se organizando e, recebendo um público maior.

A presente pesquisa trabalhou apenas com o Park Aquático 3J, que é um exemplo notório da expansão destes novos usos do território, ou dito de outro modo, da disseminação de novas culturais em espaço urbanos. Criado em 2007, este parque possuía apenas uma piscina, e uma parca infraestrutura. Com um aumento exponencial da demanda, houve a construção de mais piscinas e ampliação do espaço (ver imagem 3).



Foto 3: Vista do Park Aquático 3J

Fonte: DIAS, Reges Sodré da Luz Silva. Pesquisa de campo realizada em 14/11/2013.

Ainda que tenha acontecido o aumento do espaço com a construção de novas

piscinas, restaurantes, campo de futebol e bosques, etc. o espaço não consegue atender toda a demanda. De acordo com informações colhidas do estabelecimento o Park Aquático 3J recebe nos dias de domingo uma média de 1000 a 1200 pessoas. Por mês teríamos uma média de 7000 a 8000 pessoas.

Essa realidade é observada pelos usuários do Park Aquático 3J, os quais quando questionado o que deveria mudar no estabelecimento eles apontaram a carência de mais espaços. Segundo eles em fins de semana fica muito cheio, o que os levam a escolher visitar o Park em meio de semana, quando podem¹.

Contudo, os mesmo entrevistados ressaltam quando perguntados se encontram o que desejavam no estabelecimento (procura de lazer), eles afirmam que sim, que lá há uma grande paz e encontro com a natureza². De fato, não encontramos carro de som ou tipos de som alto como vemos em outros estabelecimentos da mesma natureza.

Esse grande número de visitas é explicado, por um lado, pelas questões aqui já discutidas de falta de qualidade de vida ambiental em Araguaína, e por outro, pela proximidade com a cidade em uma distância de três quilômetros a sudoeste. Observamos que o trajeto é de estrada de chão, essa realidade dificulta a ida de pessoas com moto, e até mesmo de carro. Sem dúvida falta um incentivo público ou, mesmo, uma iniciativa do estabelecimento para pavimentar esse trecho (ver imagem 4).

1 É necessário esclarecer que segundo os responsáveis o Park não recebe nenhum tipo de incentivo por parte do Estado. Isso confirma o que falamos no início do trabalho, que o turismo e novas formas de lazer ambientais no Estado do Tocantins ainda são incipientes, quando comparado a outras regiões do Brasil. Sem dúvida o governo estadual e municipal tem um papel fundamental nessa realidade.

2 Não é demais lembrar que o ambiente não é por si, natural, é formado, sobretudo, por piscinas. Mas, pela sua localização na margem de córrego e de grande quantidade de árvore proporciona um contato singular com o meio natural.



Foto 4: Caminho para o 3J

Fonte: DIAS, Reges Sodré da Luz Silva. Pesquisa de campo realizada em 14/11/2013.

Observamos que o público que frequenta este estabelecimento é familiar. O espaço está dividido em áreas para crianças e adultos³. De acordo com informações coletadas in lócus, o público que frequenta este estabelecimento é majoritariamente de Araguaína. Contudo, ocorrem visitas de pessoas de outros estados brasileiros e até países⁴.

No que tange a questão legalmente ambiental, o representante do estabelecimento afirmou que o 3J é área de proteção ambiental e que eles cumprem com todas as normas estabelecidas pelo poder público. Ressaltou ainda que o lixo do local é levado para a cidade de Araguaína.

Considerações finais

Ficou patente que a uma revalorização da natureza em diversas escalas territoriais, da qual não escapa Araguaína. Essa realidade em grande medida é subordinada a expansão humana sobre o espaço natural, que tem causado diversos danos a sua própria condição humana. Entendemos que não há,

³ Uma observação importante é a existência do corpo de bombeiro no local.

⁴ Não há intérprete no estabelecimento, caso haja visitas de estrangeiros, o que demonstra que ainda há carência de informação. Na verdade, não é um problema exclusivo do 3j mais de modo geral dos banhos no entorno de Araguaína. Neste mesmo sentido, observamos que há pouca publicidade em relação ao estabelecimento, o que indica que é uma atividade que pode ser muito mais explorada em Araguaína e em todo o Estado do Tocantins.

nem deve haver dualidade entre sujeito-objeto, uma vez que o sujeito não é algo exterior ao objeto, ou melhor, a natureza. Toda degradação ambiental é traduzida com menor qualidade de vida do sujeito.

É na busca por uma melhor relação sujeito-objeto que assistimos a emergência de novos usos do território e a disseminação de novas culturas. Aqui, demos prioridade ao lazer ambiental atinente aos banhos. Neste meandro observamos que na cidade de Araguaína essa realidade está se organizando só muito recentemente, como é o caso da própria cidade localizada na fronteira agrícola do Sudeste da Amazônia Oriental.

A cidade de Araguaína não oferece qualidade de vida ambiental aos seus moradores. É nestas conjunturas que se expandem os usos dos banhos. O parque 3j localizado nas proximidades de Araguaína com fácil acesso vem aumentando seu público a cada ano. Esse parque se mostra como um espaço estratégico e fundamental no mercado do lazer em Araguaína, localizado no sudoeste da cidade.

Por último é necessário enfatizar que o poder público é negligente quanto à temática em tela. O mesmo, como em todo o Brasil, está interessado em questões econômicas e meramente quantitativas dos grandes grupos empresariais e a qualidade de vida social e ambiental, é deixada a talante.

Referências

BECKER, Bertha K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Garamond, Rio de Janeiro, 2009.

METEREOLOGIA, Instituto Nacional de. **Estações e dados**. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=home/page&page=rede_estacoes_conv_graf> acesso em 01/08/2013.

PEREIRA, Aires José. **Algumas reflexões sobre a paisagem urbana de Araguaína (TO)**. Revista Tocantinense de Geografia, Araguaína (TO), Ano 01, no 02 , p. 1-14, jan-jun, 2012

PEREIRA, Aires José. **ENSAIOS GEOGRÁFICOS E INTERDISCIPLINARIDADE POÉTICA**: 3. ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2012.

PEREIRA, Aires José. **LEITURAS DE PAISAGENS URBANAS:**Um estudo de Araguaína – TO. 2013. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: 2013.

PEREIRA, Aires José. **TANGARÁ DA SERRA:** Nova Fronteira Agrícola e Sua Urbanização. 2. ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2012.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. **O desafio Ambiental.** Record, Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Os (des)caminhos do meio ambiente.** Contexto, São Paulo, 2008.

TASCHNER, Gisela B. Lazer, **cultura e consumo.** In: Revista de Administração de empresas, out/dez 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v40n4/v40n4a04.pdf>> acesso em 20/07/2013.

Recebido para publicação em outubro de 2014
Aceito para publicação em novembro de 2014

